

No Caminho da desconstrução de Nélida Piñón

Elga Pérez-Laborde¹

A escritora Nélida Piñón abre um caminho surpreendente para recolocar a mulher numa situação de justiça, de acordo com os cânones atuais. Para isso, escolhe uma peça de teatro original do espanhol Duque de Rivas com o título *Don Alvaro o la fuerza del sino*, (1832) que na ópera de Verdi, chamou-se *La forza del destino*. Como obra de caráter intertextual, mantém o título *A força do destino* e lhe serve de ponte para entrar no elenco de personagens como Nélida Piñón, para estabelecer diálogos, monólogos, e criar situações paródicas, irreverentes, brincalhonas, abertamente feministas, inteligentes e eruditas.

A autora, brasileira de origem galega, vem publicando desde 1961 uma obra de alto nível que recebeu o reconhecimento latino-americano com o Premio Juan Rulfo, o primeiro entregue a uma escritora de língua portuguesa, pelos seus dotes narrativos e seu domínio da linguagem que conferem à história uma luminosidade e atmosfera próprias, faculdades que mostrou desde seus primeiros romances: *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, *A república dos sonhos* (1984), *A doce canção de Caetana* e outras obras nas quais se manifesta como uma narradora de mitos modernos. Motivada por relatos do passa-

¹ Profª Drª do Programa de pós-graduação em Literatura da UnB.

do, a romancista é uma aguda observadora da sociedade atual e isso está muito presente em *A força do destino*.

Tentamos penetrar o enigma de sua criação – já que é o processo de criação literária um dos seus temas fundamentais e parte do assunto principal da obra escolhida para este trabalho. O texto representa um “pretexto” para Nélida desenvolver vários processos de intertextualidade nas relações dialógicas que se estabelecem entre a criadora e as personagens.

De uma leveza e de um senso de humor fora do comum na chamada literatura feminina, Nélida utiliza a alegre ironia no jogo da desconstrução/construção da ópera de Verdi. Elabora como tema, mais do que a recriação de uma história de amor romântico e folhetinesco, os processos de recriação poética. Ela expõe, desde o título, a recriação operística, que a própria autora considera como uma paródia.

O livro trata, antes de tudo, da criação de universos ficcionais, em que as técnicas narrativas são transformadas em tema, num encadeamento de reflexões sobre o próprio fazer poético.

Nesse processo de desconstrução /construção se estabelece no texto de *A força do destino*, a intimidade da autora com as suas personagens, num específico ato de apossar-se a narradora de suas criaturas. “É a revelação do caráter antropofágico do escritor”, afirmou Nélida Piñón numa entrevista (1985). Antropofagia que nas palavras de Mario Vargas Llosa assume o nome de canibalismo, prática comum nos escritores da qual não sempre tem consciência plena e que, finalmente, parece constituir a melhor escola da literatura já que se alimenta geralmente dos grandes clássicos de todos os tempos. Uma espécie de legítima pilhagem que faz aos romancistas converter em literatura própria tudo o que lêem e tudo o que ocorre nas suas vidas e nas dos outros.

As intenções da escritora, de rescrever as paixões dos clássicos personagens Alvaro e Leonora, apontam assim menos para os amo-

res e mais para este jogo da desconstrução / construção de uma narrativa, para a pós-modernidade da literatura brasileira e latino-americana; com uma linguagem muito criativa, viva e contemporânea.

O caráter intertextual da obra apresenta-se desde o título do livro. Sua montagem da história respeita a integridade dos personagens com os quais brinca ao longo da narrativa e resguarda a autenticidade da fábula. Para isso concorrem o espaço e o tempo originalmente postos no libreto de Verdi. Nélide subverte, porém, essas estruturas espaço – temporais, mas, concedendo à sua narrativa a pós-modernidade na qual se insere, a escritora vai estruturando o romance em processos criativos inesperados, que lhe dão originalidade e peso.

Optando pelo melodrama romântico dos infelizes e frustrados amores de Álvaro e Leonora, Nélide propõe todo um questionamento sobre a criação literária e sobre toda a complexidade que esta implica.

O primeiro elemento de criação literária que observamos é o uso da literatura como jogo. Humor e ironia são elementos que Nélide Piñón usa para transgredir a tragédia de Leonora. As vozes se alternam no relato, oferecendo prioridade, em primeiro plano, a cada personagem, em espaços diferentes da narração. O leitor defronta-se com um processo de especial subversão. Nélide coloca a personagem dirigindo-se à “cronista”, desafiando-a a contar a sua história. Já não se trata mais da relação autor/leitor ou autor/personagem. Trata-se da inter-relação de todos esses elementos da estrutura narrativa, sobretudo da inter-relação personagem/escritor, numa perfeita convivência, e com todas as implicações possíveis desse processo de criação.

Daí em diante se estabelece uma estreita e estranha relação entre essas duas personagens principais e a “cronista”. Nélide Piñón, literalmente nominada pelos personagens, e mesmo por um narrador de terceira pessoa, que acompanha até as atitudes da própria “cronista”, atitudes que muitas vezes comenta e que tudo observa.

Nélida desloca a ação da Sevilha do século XVIII e outros espaços da Galícia e da Itália para o Leblon, no Rio de Janeiro do século XX. Isso, sem perder a autenticidade de que precisa para ser veraz. O insólito surge com a presença da escritora nos locais onde os personagens atuam e se misturam, onde se faz referência a Verdi para solicitar uma mudança nos acontecimentos pouco favoráveis aos personagens.

(...) (Por favor, Nélida, corta logo esse papo, não mais agüento cantar o velho. Ele parece irredutível. Nem pisca o olho. Eu diria que mal respira. Tudo indica que chegaremos às vias de fato. E eu estou noutra. Não quero briga, só quero a garota, o que não é pedir muito. Deixa o Verdi na mão e me salva, depressa). (p. 25).

No percurso da história, a escritora mostra sua atitude política que não faz concessões: questiona a religião, a filosofia e a psicologia, e revela o grau de engajamento com sua postura crítica da sociedade, que vai de século a século. Através do enfoque das relações de dominação, do uso do poder, toma importância o lugar e o papel da mulher dentro desse contexto crítico.

Nélida, a escritora, “transcontextualiza” fazendo visível a diferença nesse jogo de poderes patriarcais; mostra o que está detrás das aparências, faz falar o segredo, a confissão, o proibido, o erótico, a exaltação da carne, e tudo isso que era tabu e que configurava o pequeno e “pecaminoso” mundo da mulher, debatendo-se entre as contradições de seus desejos e as convenções.

Desequilibra o texto com irrupções insólitas. Com elementos inesperados. Por exemplo, quando entra em cena e mostra o domínio que os recursos mecânicos e os de informática exercem sobre o homem contemporâneo:

(Também eu não sei o que é ser carioca no Rio de Janeiro). Não posso te ajudar, Álvaro. Não vê que estou ocupada com o gravador? Bom, é um aparelho que registra até a respiração, por isso nele seguem as palavras pronunciadas, só escapam por enquanto as que pensamos. E quando a memória falha, apenas ele prova onde estivemos, desde que tenhamos apertado o *start*, e não o *stop*. Porque o *stop* como todo ato distante do coração, imobiliza a fita do cassette. Ah desculpe-me, você ignora estas nossas fraquezas. Com tantas máquinas a nosso encargo, a vida humana está muito difícil, posso garantir-lhe. Assim, não te posso socorrer, ou a mim mesma. A tudo escuto pela meta-de. Narro a tua história com a precariedade da minha condição e, por isso, só o sonho e o vinho tinto me aliviam da frustração (p. 26).

A linguagem coloquial, como pode apreciar-se pelas referências textuais, é um outro elemento que tira da solenidade a história original. Os personagens clássicos falam com a linguagem descontraída de hoje, talvez numa tentativa mais que de popularizar, numa forma de contemporizar, que sensibiliza a autora. Ela não reproduz a linguagem do Verdi do século XIX, que recria o ambiente e a realidade humana de uma sociedade barroca. Nélida faz falar as personagens dentro de uma narrativa moderna. Só toma como referência a história de Verdi para deslocar livremente os assuntos, e fazer falar os protagonistas na língua portuguesa, da qual faz uma amorosa defesa que merece ser reproduzida:

Unicamente por minhas mãos ingressariam ambos na língua portuguesa, que é, como expliquei a Álvaro, um feudo forte e lírico ao mesmo tempo. Um

barco que até hoje singra generoso o Atlântico, ora consolando Portugal, ora perturbando o Brasil. E porque esta língua tem vocação marítima, entende bem os impropérios do vento, mais que qualquer outra se deixa levar pelos sentimentos. Os ais e os prantos a seduzem tanto, que esta língua busca as estradas de ferro para medir de perto a intensidade das mágoas que só ganharão corpo e expressão através de seus recursos. E porque ela se orgulha do que é humano, esta língua portuguesa, de rosto e sexo ardentes, é capaz de saber, apenas pelo apito do trem, se quarta-feira é dia dos amantes usarem-na quando se querem perder para sempre. E como está em todas as partes, é privilégio seu provar a saliva de qualquer beijo, sentir-lhe a densidade do sal. Pois quanto mais salgado o beijo, mais as desesperadas palavras do seu patrimônio ganharão saída pelos poros. Os olhos arregalados (p. 13-14).

A propósito da defesa da língua portuguesa, Nélida valoriza a contribuição dos clássicos da literatura do que chama a “língua morena”.

Talvez por isso se comova com tanta facilidade, e solidarize-se muito mais com um corpo em frangalhos do que com quem sai altivo do embate amoroso. Tornou-se a língua portuguesa plangente, de índole excessiva, deseja que usem vinte de seus vocábulos, quando apenas três talvez expressem parte dos seus sentimentos. Daí esta língua precisar de que seus amantes se excedam, imaginem o coração incapaz de novo afeto. É nestas horas que a língua, sob tão grave ameaça,

ganha dimensões impensadas. Usa da pena de Camões, Cecília, Machado, Clarice, só para não perecer. Ela quer ser usada até mesmo pelos sentimentos menos nobres. (...)

Esta língua portuguesa, Álvaro, quer-se fazer ouvir para sempre... (p.14).

Em sua intenção de homenagear a língua portuguesa também registra a presença do poeta João Cabral de Melo Netto (p.21), do romancista Guimarães Rosa e faz alusão à mensagem de Fernando Pessoa. Mas, também faz uma homenagem à cultura musical e literária hispânica e italiana, quando fala do cavalo do Cid, de Lepanto (sede de grandes batalhas, onde Cervantes perdeu um braço), e às cantoras líricas Renata Tebaldi e Maria Callas. Não se lhe escapa nem Shakespeare. Tudo é motivação para o desdobramento do desafio de modificar a história e registrar personagens reais e de ficção.

Tratando-se de uma obra breve, as implicâncias com diversidade de assuntos é infinita e permite um estudo abrangente dos diferentes problemas a que alude direta ou indiretamente.

Por exemplo, sua postura sobre o matrimônio e o amor:

Calma, abade, a nau do seu corpo está à deriva. Vejo água por todos lados. Talvez eu possa ajudá-lo. Ainda sem autorização de Leonora. Se quer minha opinião, revele de uma vez seu amor outonal. Nunca é tarde para a paixão. E no estado em que Leonora encontra-se, ia-lhe até fazer bem um amor proibido. É sempre aliás o melhor de todos. Ela terminaria por amá-lo, só para livrar-se das próprias lágrimas, que já as saboreia pelas manhãs, junto ao

leite de cabra... (...) Aprendi que melhor se sucumbe à carne na desolação. Quando se está a fugir de um amor, um outro indica a salvação...(p.101).

A mulher artista, tal vez por ser a mais ousada, está presente em todo momento no decurso da obra. Começando pela presença da própria escritora, que forma parte da narração. Nélida, participando do jogo crítico, humorístico, falando com a língua portuguesa, amada e viva como gostaria tanto Mário de Andrade ouvir, que foi outro defensor da fala “brasileira”. E as poetisas e as cantoras líricas, e o argumento que envolve a participação de personagens *operáticos* e/ou teatrais, configuram um mundo ficcional de artistas convidados de Nélida a participar da paródia numa intenção de salvamento moral, ainda que seja um século mais tarde.

E assim, os valores envolvidos na trama, direta ou indiretamente, deixam a descoberto as preocupações de uma escritora absolutamente de vanguarda que chama a atenção do leitor num estranhamento semelhante ao que Brecht criou para o teatro épico, para fazer uma tomada de consciência e desalienar o espectador. Desconstruindo uma história de folhetim mentirosa que se tomou por verdadeira nos velhos cânones morais, Nélida coloca os valores sociais e culturais, os abusos do poder, o rigor hierárquico, a mesquinhez, a hipocrisia dos votos de castidade e pobreza, o homossexualismo, o interesse mercenário do clero, o sentimento incestuoso, entre outros, num plano que se transformam nos verdadeiros protagonistas da obra, com o privilégio que lhe brindam seu talento e a época que lhe toca viver. Hoje que se procura a liberdade individual para o ser humano, e que é um desafio maior para a mulher - muito mais oprimida por tradição - ela pode parodiar até às últimas conseqüências, as velhas estruturas familiares, a rigidez da moral e da propriedade. Nélida Piñón conseguiu uma condição de intocável e ao mesmo tempo nos assinala uma fórmula interes-

sante para a literatura de corte feminista. Uma fórmula de resgate de tantas personagens vítimas do preconceito: por que não salvar Anna Karenina dos remorsos provocados pela pressão social que a levaram ao suicídio? Jean D’Arc, da fogueira do fanatismo religioso? Ou Ema Bovary, do preço que pagou por seguir seus sonhos até as últimas conseqüências? Salvar todas elas da morte moral, (já que da física não é mais possível senão no papel) sem ter que se denegrir como Tristana, a anti-heroína de Benito Pérez Galdós, recriada por Buñuel na plasticidade de Catherine Deneuve, numa sordidez vácuca de solidão, frustração e mediocridade. Castigo muito pior que a morte. A mulher e as minorias oprimidas têm muito que colocar em ordem neste milênio, do que fica dos dois mil anos de cultura judeu – cristã que nos antecede.

Referências Bibliográficas

CAMPELLO, Eliane. T. A. **Nélida: jogando com destinos**. In: De gênero a gênero: a mulher artista no romance brasileiro. Brasília: Instituto de Letras, TEL, 1988.

EVANGELISTA, Maria de Jesus. **A criação dentro da Criação**. Brasília: Editora da UnB, 1996.

PIÑÓN, Nélida. **A força do destino**. Rio de Janeiro: Editoria Record, 1977.

_____. Internet. 1998.

VERDI, Giuseppe e Piave, Franceso. **La forza del destino**. São Paulo: Ricordi Brasileira, s/d.